

# Que lugar para o psicanalista? Considerações a partir da psicanálise lacaniana

## *What place for the psychoanalyst? Considerations from Lacanian psychoanalysis*

---

Fauzy da Silva Araujo\*

### **Resumo**

Na psicanálise lacaniana temos a especificidade de definir qual é o lugar do psicanalista. Entende-se que o psicanalista se define através de uma posição discursiva e que necessariamente demanda uma postura específica e condizente com esse lugar. Em inúmeros momentos do ensino de Lacan, o autor define esse lugar de formas variadas, havendo a necessidade de destacar algumas definições e pensar como as mesmas se estabelecem em um contexto clínico. Portanto, este trabalho tem como objetivo traçar algumas definições encontradas na obra de Jacques Lacan que definem o lugar de um psicanalista e tecer considerações que articulem teoria e prática.

**Palavras-chave:** Psicanálise lacaniana. Lugar do psicanalista. Clínica lacaniana. Psicanalista lacaniano.

### **Abstract**

*In Lacanian psychoanalysis, we have the specificity of defining what is the psychoanalyst's place. It is understood that the psychoanalyst is defined through a discursive position, and which necessarily demands a specific posture consistent with this place. In many moments of Lacan's teaching, the author defines this place in different ways, and it is necessary to highlight some definitions and think about how they are established in a clinical context. Therefore, this paper aims to trace some definitions found in Jacques Lacan's work that define the place of a psychoanalyst and make considerations that should articulate theory and practice.*

**Keywords:** *Lacanian psychoanalysis. Place of the psychoanalyst. Lacanian clinic. Lacanian psychoanalyst.*

---

\* Psicólogo e Psicanalista. Membro da Sociedade Psicanalítica Abertura Para Outro Lacan (APO-La). Mestrando em Psicanálise pela Universidade de Buenos Aires (UBA). Especialista em desenvolvimento infantil pela Faculdade Metropolitana do Estado de São Paulo (FAMEESP). Especialista em Saúde Mental pela União Brasileira de Faculdades (UNIBF). Salvador, BA, Brasil. fauzyaraujo@hotmail.com

## Introdução

O ensino de Lacan é marcado por inúmeras tentativas de definir um status referente ao lugar do psicanalista na condução de uma análise. Seguindo uma proposta de formalizar a psicanálise, o francês não deixa de lado a necessidade de estabelecer parâmetros que deem suporte para pensar no lugar, no desejo, na presença e no trabalho de um psicanalista.

O psicanalista lacaniano é, por sua vez, um lugar definido. E tomando essa ideia, do analista enquanto um lugar, já deixamos de lado a noção de que o analista pode ser reduzido a uma pessoa. É uma posição discursiva e que tem a sua presença como referente ao contexto de uma análise.

A definição de um lugar consiste na condição de sustentar uma construção teórico-conceitual que forneça subsídios para manter esse lugar ocupado por alguém que se diga psicanalista. Aquele que se autoriza a encarnar esse papel.

Então qual é esse lugar e como pode ser pensado a partir da teoria psicanalítica lacaniana?

Não há uma definição unívoca, o que demanda uma revisão acerca de alguns pontos levantados por Lacan em diferentes momentos do desenvolvimento de seu ensino e uma sistematização lógica para que um argumento se sustente diante do que se constrói nessa teoria.

A argumentação aqui deve se pautar na hipótese de que o lugar do analista na psicanálise lacaniana não é um lugar que envolve o ser ou a pessoa daquele que se apresenta como um psicanalista lacaniano. Trata-se de uma posição discursiva e que tem consequências clínicas, sendo a base para pensar uma novidade no campo psicanalítico, de forma lógica, não aderindo a qualquer ideia caricata e tampouco a um lugar de neutralidade referente ao fazer analítico. Nesse campo, o da psicanálise lacaniana, estamos tomando uma função de maneira formalizada, a partir de elementos que delimitam o lugar de um psicanalista.

A práxis psicanalítica envolve uma relação entre dois lados que fazem parte da aparelhagem do dispositivo analítico. Para haver análise é preciso que haja, pelo menos, alguém que demande uma análise e que denominamos analisando e outro que analise, que exerça o papel de psicanalista.

Inicialmente temos a noção de que há uma diferença. O analista e o analisando não são a mesma coisa. São posições discursivas diferentes. Ambos se definem em sua alteridade, e propomos uma especificidade no que diz respeito ao lugar que ocupa um psicanalista na direção do tratamento.

Para o senso comum, o psicanalista é que vai conversar com alguém e propor caminhos para que haja melhora para um sintoma. Vai à análise quem precisa conversar com outro e definir alguns parâmetros para seguir a vida. Evidentemente, essa é uma noção que se sustenta no imaginário social, que é disseminada a todo tempo por aqueles que se interessam por qualquer coisa que diga respeito a uma psicanálise.

O público leigo pode, independentemente de como isso se desenvolve, falar e entender uma análise como uma conversa. É um luxo que cabe àqueles que não ocupam o lugar de analista. Uma análise enquanto uma conversa entre duas pessoas não é algo a ser dito por aquele que estuda e pratica a psicanálise.

Por outro lado, os psicanalistas não podem usufruir desse direito. O psicanalista sabe que paga com seu ser (LACAN, 1958/1998). Entende que sua posição discursiva demanda que ele faça o analisando desejar e não que deseje por ele (LACAN, 1969-70/1992). Para os psicanalistas, o encontro entre esses dois lados que compõem uma análise, não pode ser visto na mesma proporção. Isso torna o espaço analítico um dispositivo que não se sustenta em uma conversa entre duas pessoas. Não haver proporção, não é sinônimo de hierarquia e tampouco de juízos de valor entre melhor ou pior, apenas que não estão respondendo de forma congruente.

Para Lacan (1958/1998): “[...] o problema da direção revela, desde as diretrizes iniciais, não poder formular-se numa linha de comunicação unívoca, o que nos obriga a permanecer aí, no momento, para esclarecê-lo pelo que o segue” (LACAN, 1958/1998, p. 592).

Se há uma desproporcionalidade entre as posições ocupadas no *setting* analítico, não estamos nos comunicando, pelo menos enquanto proposta de manejo, não estamos batendo um papo e falando do cotidiano. Ainda que pareça, não é.

Então do que se trata?

Uma das possibilidades de responder a essa questão no campo da psicanálise é apontando a perspectiva teórica que sustenta os argumentos. Aqui, atemo-nos ao modelo teórico estabelecido por Jacques Lacan, partindo de alguns pressupostos que estabeleçam esse lugar para o psicanalista quando se trata da condução do tratamento e da posição discursiva em questão. É desse modelo teórico que pretendemos partir e argumentar nossas hipóteses.

## O analista é quem dirige uma análise

A ideia do analista como aquele que dirige uma análise, parte do escrito de Lacan de 1958, intitulado *A direção do tratamento e os princípios de seu poder*, que define alguns parâmetros para o trabalho de um psicanalista e a sua conduta ativa no processo analítico.

Nesse texto, muito importante e rico em informações para pensarmos a clínica lacaniana, o autor sugere que a análise corresponde a três tópicos a serem levados em consideração:

1. Retificação das relações do sujeito com o real;
2. Desenvolvimento da transferência;
3. A interpretação;

Desde o início de seu ensino, Lacan tensiona um debate com os psicanalistas pós-freudianos e diferenciando sua proposta teórica de uma análise do ego e seus mecanismos de defesa, não reduzindo a análise a uma terapia de conduta. A proposta de Lacan é que não tomemos o ego como um ponto de partida, não fazendo uma análise pela via do imaginário (LACAN, 1954/2009).

A análise lacaniana não corresponde a uma reeducação emocional, não se trata de dirigir o paciente para um lugar x ou y, a partir de condutas pré-determinadas. Isso quer dizer que "O psicanalista certamente dirige o tratamento. [...] não deve de modo algum dirigir o paciente" (LACAN, 1958/1998, p. 592). Essa diferença radical propõe que o psicanalista não dirige a consciência e suas respectivas características e sim a condução de uma análise, propondo a regra analítica e a situação analítica enquanto estabelecimento das balizas que nor-teiam um tratamento psicanalítico (LACAN, 1958/1998).

Nesse posicionamento teórico, temos o analista como alguém que tem um papel ativo na condução de uma análise, sendo aquele que se utiliza das estratégias de que dispõe o nosso arcabouço teórico-conceitual.

Seguindo esse raciocínio, Lacan (1958/1998) estabelece o analista como aquele que ocupa o lugar do morto, como no jogo de bridge, sendo essa uma referência à estratégia de uma análise. Ironicamente, o morto no bridge tem uma função ativa na sua jogada, ainda que o seu papel seja o de estar morto por expor as suas cartas. A metáfora abordada por Lacan não parece ser por acaso, já que o analista está como um morto em seus afetos, mas mostra suas cartas ao propor a situação analítica e a sua proposta de condução para um analisando. Age como morto, mas sabe muito bem o que está fazendo.

A interpretação é um elemento que faz parte desse jogo e possibilita uma mudança de posicionamento frente ao conteúdo trabalhado em análise. Para que o trabalho de conduzir a análise tenha efeito, o analista tem o papel fundamental de interpretar. Isso faz parte da sua ação enquanto atividade analítica.

Vejam os que propõe Lacan:

A interpretação, para decifrar a diacronia das repetições inconscientes, deve introduzir na sincronia dos significantes que nela se compõem algo que, de repente, possibilite a tradução – precisamente aquilo que a função do Outro permite no receptáculo do código, sendo a propósito dele que aparece o elemento faltante (LACAN, 1958/1998, p. 599).

O analista, enquanto interpreta, está abordando diretamente a cadeia significante em sua relação de elementos diferenciais e traduzindo aquilo que parte do campo do Outro, o próprio sujeito do inconsciente.

A interpretação, nesse contexto, ocorre necessariamente sob transferência e conforme propõe Lacan a partir de sua leitura de Freud, a transferência está a serviço da resistência (LACAN, 1964/2008), ainda que paradoxalmente seja aquilo que motiva a situação analítica e que posteriormente Lacan (1967/2003) chama de “suposição de saber”. Ao falarmos de resistência “[...] não há outra resistência à análise senão a do próprio analista” (LACAN, 1958/1998, p. 601).

A partir disso, Lacan continua desenvolvendo o que seria o lugar de um analista quando se trata da novidade que apresenta ao campo psicanalítico, articulando necessariamente à demanda de análise e de como esse detalhe inerente a esse processo deve ser manejado. Para o autor: “[...] o analista é aquele que sustenta a demanda, não, como se costuma dizer, para frustrar o sujeito, mas para que reapareçam os significantes em que sua frustração está retida” (LACAN, 1958/1998, p. 624). A proposta de Lacan é a de enfrentar a ideia de uma reeducação emocional, sendo que nessa perspectiva terapêutica a demanda é respondida a partir de uma sugestão em que ao invés de dirigir a análise, dirige o paciente.

O lugar de responder a isso é pela via da transferência: “À medida que se desenvolve uma análise, o analista lida alternadamente com todas as articulações da demanda do sujeito. Mas só deve, como diremos mais adiante, responder aí a partir da posição da transferência” (LACAN, 1958/1998, p. 625).

Nesse escrito, Lacan desenvolve isso pela via de que ao responder à demanda, o analista repete aquilo que deformou o sujeito e não responde de um lugar que provoque a cadeia significativa e possa então trabalhar dentro dessa lógica. O analista que se posiciona de tal forma, respondendo à demanda, mantém o sintoma enquanto tal, quando na verdade deveria responder isso pela via do manejo da transferência.

Na *Proposição de 9 de outubro de 1967* Lacan desenvolve um algoritmo que explicita essa resposta pela via da transferência pela via da suposição de saber. A proposta empregada por Lacan (1967/2003) é a de que a transferência se opõe a uma intersubjetividade na situação analítica. A ideia do autor é de “[...] desenlamear esse sujeito subjetivo” já que “Um sujeito não supõe nada, ele é suposto” (LACAN, 1967/2003, p. 253).

Seguindo esse raciocínio, ele formula o algoritmo da transferência:

Imagem 1: Algoritmo da transferência

$$\frac{S \longrightarrow S^q}{s (S^1, S^2 \dots S^n)}$$

Fonte: Lacan (1967/2003)

Nessa fórmula, temos os seguintes elementos:

S: Significante do Sujeito

S<sup>q</sup>: Significante qualquer

s: Sujeito analítico

(S<sup>1</sup>, S<sup>2</sup>,...S<sup>n</sup>): Cadeia significativa

Temos um sujeito que se dirige a um significante qualquer. Vejamos que esse sujeito não está barrado, pois não se trata do sujeito do inconsciente tal como abordamos em uma análise, mas um significante que representa esse lugar da transferência.

Reconhecemos na primeira linha o significante S da transferência, isto é, de um sujeito, com sua implicação de um significante que diremos ser qualquer, ou seja, que supõe apenas a particularidade no sentido de Aristóteles (sempre bem-vindo) e que em virtude disso, supõe mais outras coisas (LACAN, 1967/2003, p. 253).

Na parte de baixo da barra temos o sujeito resultando dessa primeira articulação entre um significante e outro. Dentro dos parênteses a cadeia significante que comporta o saber suposto e que sustenta o que há de material inconsciente. Ou seja, o saber suposto é inconsciente e só pode ser abordado pela via significante. O sujeito se dirige a um significante qualquer, que vai ser representado pelo lugar do analista e com esse processo produz um sujeito de uma análise, provocado por esse corte especificamente analítico e provoca a cadeia significante enquanto suporte para o saber.

O primeiro momento desse lugar transferencial é imaginário e tem como suporte o ideal de que há saber. É isso que a primeira linha representa, pois o S<sup>q</sup> não faz parte dos significantes entre parênteses, pois estes últimos são consequência da resposta do analista.

A demanda que é dirigida a um analista é a de que ele sabe algo sobre o sintoma que faz alguém buscar por uma análise. Responder pela via da transferência é propor que a cadeia significante seja posta em jogo para então produzir uma situação analítica. Percebe-se que aqui, na medida em que o psicanalista responde pela via da transferência, ele é ativo em seu processo de dirigir uma análise.

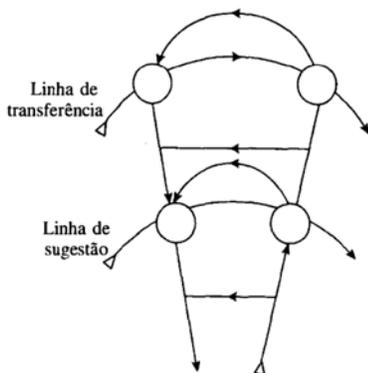
O analista, nesse algoritmo, nada sabe, pois seu saber é o de produzir saber na leitura do material posto pelo analisante, o que veremos se desenvolver logo mais ao abordarmos o discurso do psicanalista a partir da teoria lacanianos dos 4 discursos.

## **Lugar do analista: entre a sugestão e a transferência**

Quando Lacan propõe uma teoria que não aborde o sintoma por sua via imaginária, aponta que o trabalho analítico não é o de uma reeducação emocional, tal como vimos anteriormente. O caminho de uma análise, a partir desse ponto de vista, se dá com a ausência de uma sugestão enquanto ponto de partida, mas de um manejo da sugestão pela via da transferência.

No seminário 5, intitulado *As formações do inconsciente* e contemporâneo ao texto anteriormente trabalhado *A direção do tratamento e os princípios de seu poder*, Lacan desenvolve seu pensamento tendo como suporte o grafo do desejo. A proposta é de uma diferença entre sugestão e transferência a partir das duas linhas postas na topologia do grafo do desejo.

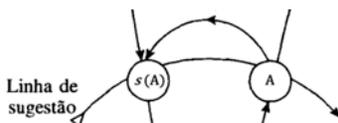
Imagem 2: O grafo do desejo



Fonte: Lacan (1958/1999)

O que Lacan denomina de linha da sugestão é através de vetores que articulados ao grafo completo, explicita melhor aquilo que está sendo pensado:

Imagem 3: Linha de sugestão

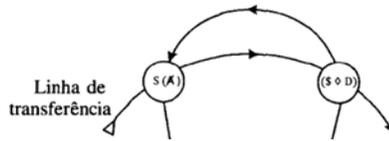


Fonte: Lacan (1958/1999)

Na linha de sugestão temos o significado do Outro ( $s(A)$ ) e o lugar do Outro ( $A$ ). Trata-se exatamente de um lugar em que está posta a demanda inicial de uma análise, primeiro pela via do sintoma, já que “O sintoma, aqui, é o significante de um significado recalçado da consciência do sujeito” (LACAN, 1953/1998, p. 282) e em segundo lugar pelo fato de que é de onde parte o Outro enquanto tesouro do significante, de onde necessariamente surge uma demanda. Nessa linha temos o lugar do Outro enquanto exercício de poder, onde o analista não deve se posicionar.

Quanto à linha de transferência, temos outros vetores a levar em consideração:

Imagem 4: Linha de transferência



Fonte: Lacan (1958/1999)

Deparamo-nos com o significante de uma falta no Outro ( $S(A)$ ) e a pulsão atrelada ao registro da demanda ( $(S \circ D)$ ). Nessa linha, temos um reconhecimento da castração enquanto elemento de um processo analítico, compreendendo esse aspecto pela via de uma barra inerente ao Outro, diferenciando do Outro da sugestão que não está barrado. A pulsão está atrelada ao registro da demanda enquanto diferenciada do desejo e da necessidade, mas como uma resposta ao lugar da linguagem.

Lacan separa essas duas linhas por uma exigência topológica, propondo uma invariante dos vetores envolvidos nesse grafo:

Freud nos diz o tempo todo que, afinal, a transferência é uma sugestão, da qual nos servimos a esse título, mas acrescenta: exceto pelo fato de que fazemos com ela uma coisa completamente diferente, já que essa sugestão nós a interpretamos. Ora, se podemos interpretar a sugestão, é porque ela tem um segundo plano. A transferência em potencial está ali. Sabemos muito bem que isso existe [...] (LACAN, 1958/1999, p. 439).

E continua:

A transferência já é, potencialmente uma análise da sugestão, ela própria é a possibilidade da análise da sugestão, é a articulação secundária daquilo que, na sugestão, impõe-se pura e simplesmente ao sujeito. Em outras palavras, a linha do horizonte na qual se baseia a sugestão está ali, no nível da demanda, da demanda que o sujeito faz ao analista pelo simples fato de ele estar ali (LACAN, 1958/1999, p. 439-440).

Percebe-se que a demanda enquanto tal está na linha de sugestão, pois ao demandar aquilo que seria ao Outro, demanda-se ao analista, já que é aquele que está presentificado na relação analítica. Portanto, a resposta que se dá é a partir da interpretação dessa demanda pela via da transferência, proporcionando outra leitura para aquilo que é posto pela via significante. A transferência, nesse sentido, se diferencia de um lugar de poder exatamente porque não

respondemos como responde o Outro, pois estaríamos fomentando o lugar da sugestão, da reeducação emocional e, ao invés de abordarmos o aspecto simbólico, responderíamos pela via do imaginário.

## Uma posição discursiva

O analista se posiciona discursivamente, havendo uma desproporcionalidade entre psicanalista e psicanalisante. Essa ideia surge da construção lacaniana da teoria dos quatro discursos, sendo eles: do analista, histórico, do mestre e o discurso universitário. Aqui nos atemos ao discurso do analista para sustentar que o seu lugar em uma análise é como posição discursiva e não enquanto a pessoa do analista. A partir desse modelo formal de Lacan, abrimos mão de qualquer tentativa de reduzir a análise a um diálogo entre duas pessoas.

Um discurso em Lacan segue uma estrutura específica. Sua organização é quaternária, com quatro lugares e quatro termos que se relacionam entre si. Os lugares são: o agente, a verdade, o Outro e a produção. Os termos são: o sujeito (\$), o significante mestre (S1), o saber (S2) e o mais-de-gozar (*a*).

Se organizam da seguinte forma:

Imagem 5: Lugares do discurso



Fonte: Lacan (1969-70/1992)

Dessa maneira, Lacan caracteriza o discurso analítico como aquele que vai responder ao discurso histórico de uma forma muito específica, sem que um discurso se confunda com o outro e por isso, pensamos em posições discursivas diferentes.

Se caracterizamos um discurso centrando-nos no que é predominantemente, existe o discurso do analista, e este não se confunde com o discurso psicanalisante, com o discurso proferido efetivamente na experiência analítica. O que o analista pode-se dizer simplesmente – é a histerização do discurso. Em outras palavras, é a introdução estrutural, mediante condições artificiais, do discurso da histórica [...] (LACAN, 1969-70/1992, p. 33).

Vejamos que os discursos analítico e histórico se constituem de uma maneira muito específica:

Imagem 6: Discurso do analista

$$\frac{a}{S_2} \text{ — } \frac{\$}{S_1}$$

Fonte: Lacan (1969-70/1992)

Imagem 7: Discurso Histórico

$$\frac{\$}{a} \text{ — } \frac{S_1}{S_2}$$

Fonte: Lacan (1969-70/1992)

Enquanto o discurso histórico tem um sujeito barrado no lugar do agente, a causa do desejo no lugar da verdade e se dirigindo a um outro pela via do significante mestre para produzir saber, o discurso analítico se constitui em  $\frac{1}{4}$  de giro no sentido horário, onde no lugar do agente  $a$  causa do desejo se constitui como fundamento para o lugar do analista, tendo o saber no lugar da verdade e respondendo a um sujeito que produz o significante.

Essa é uma operatória muito específica e por isso o analista é aquele que tem uma posição discursiva própria, respondendo como causa de desejo. Para Lacan “ele, o analista, é que é o mestre”, isso porque “É do seu lado que há o  $S_2$ , que há saber – quer adquira esse saber escutando seu analisante, quer seja um saber já adquirido, localizável, isto pode, em um certo nível, ser limitado ao *savoir-faire* analítico” (LACAN, 1969-70/1992, p. 36).

O psicanalista lacaniano tem a posição discursiva de ter um saber. Quando aquele que busca por uma análise supõe saber ao analista, efetivamente está em uma posição imaginária. No entanto, o analista deve estar advertido dessa situação, exatamente pelo fato de que há um saber constituído tanto pela via do saber psicanalítico enquanto corpo teórico-conceitual ou pelo saber que acesa pela via do significante no fazer psicanalítico.

O diferencial é que o seu saber não se resume ao conhecimento, porque o saber inconsciente se dá como uma construção através do significante. Sendo que esses significantes são resultado de uma operatória analítica. Não percamos de vista que no discurso analítico temos o objeto  $a$  como agente, e o ana-

lista faz semblante desse objeto. Assim, o discurso do analista “se faz causa do desejo do analisante” (LACAN, 1969-70/1992, p. 39).

Segundo Lacan:

A posição do psicanalista, eu a articulo da seguinte forma – digo que ela é feita substancialmente do objeto *a*.

Na articulação que faço do que é estrutura do discurso, na medida em que ela nos interessa e, digamos, na medida em que é tomada no nível radical em que importa para o discurso psicanalítico, essa posição é, substancialmente, a do objeto *a*, na medida em que esse objeto *a* designa precisamente o que, dos efeitos do discurso se apresenta como o mais opaco, há muitíssimo tempo desconhecido, e no entanto essencial. Trata-se do efeito de discurso que é feito de rechaço (LACAN, 1969-70/1992, p. 44).

Nos damos conta de que ao tratarmos do psicanalista como uma posição discursiva, não estamos falando de qualquer discurso e de qualquer estrutura. Para haver analista, deve haver uma posição substancial que é a de objeto *a*, que é exatamente o posicionamento de um psicanalista que possibilita que o psicanalisante deseje, que a análise tenha seu efeito naquilo que é demandado. Não responde à demanda tal como formulada na demanda que se faz ao Outro, mas responde com uma possibilidade de ir além da demanda, fazendo com que haja desejo.

É um lugar opaco, um lugar vazio de respostas. Não há nenhum outro conteúdo além desse objeto repleto de desconhecimento.

Ao responder a esse lugar, o analista é destinado ao rechaço: “[...] o rechaço, posto que é exatamente o lugar ao qual o analista está destinado no ato psicanalítico” (LACAN, 1970, p. 45).

Além de seu lugar opaco e tendo o rechaço como consequência, o discurso analítico deve funcionar como uma oposição ao discurso do mestre, que se organiza da seguinte maneira:

Imagem 8: Discurso do mestre

$$\frac{S1}{\$} \text{ — } \frac{S2}{a}$$

Fonte: Lacan (1969-70/1992)

Vejam que nessa organização discursiva, o significante mestre está no lugar do agente, que se articulando com o saber, tem um sujeito enquanto verdade e causa do desejo enquanto produção. É um discurso de dominação, onde o discurso analítico é o seu exato oposto quando se trata dos lugares e da ordem dos termos. O discurso do mestre é o discurso que visa a reeducação emocional que Lacan critica e que foi apontado anteriormente, tratando-se de um discurso que tem a finalidade de obtenção de poder.

Lacan nos adverte da seguinte maneira:

É exatamente esta a dificuldade daquele que tento aproximar tanto quanto posso do discurso do analista – ele deve se encontrar no polo oposto a toda vontade, pelo menos confessada, de dominar. [...] é sempre fácil voltar a escorregar para o discurso da dominação (LACAN, 1969-70/1992, p. 72).

Adiante arremata essa proposição: “[...] o discurso analítico se especifica, se distingue por formular a pergunta de para que serve essa forma de saber, que rejeita e exclui a dinâmica da verdade” (LACAN, 1969-70/1992, p. 95).

Os apontamentos lacanianos para sustentar um lugar para o psicanalista se constitui em uma estrutura de discurso que, de maneira formal, delimita o nosso fazer e explicitando a nossa proposta clínica. O psicanalista laciano não deve, em hipótese alguma, aderir ao discurso dominante, colocando o seu paciente necessariamente em uma posição de subalternidade, sendo controlado pela pessoa do analista. Isso é incoerente com a nossa estratégia.

O fato de o psicanalista estar em uma posição discursiva diferente do seu psicanalisante, não sugere, de forma alguma, que há uma hierarquia discursiva. Não são diretamente proporcionais, mas isso não se trata de um juízo de valor, pois estaríamos trabalhando em um aspecto imaginário, modelo de condução de uma análise que Lacan tanto criticou.

## Presença e corte

O psicanalista se apresenta no contexto de uma análise a partir da sua presença. Anteriormente vimos que essa presença se dá de maneira discursiva. Isso é essencial para entendermos que sua presença não é corporal, pois estaríamos nos baseando em uma premissa de que quem está no contexto analítico é uma pessoa. Sabemos que não é a pessoa do analista quem deve responder ao discurso histórico.

Por ora, sabemos que o lugar é discursivo. No entanto, como se constitui a presença desse lugar?

Para Lacan o psicanalista se presentifica através de uma manifestação do inconsciente:

A presença do analista é ela própria uma manifestação do inconsciente, de modo que quando ela se manifesta hoje em dia em certos encontros, como recusa do inconsciente – é uma tendência, e confessada, no pensamento que formulam alguns – isso mesmo deve ser integrado no conceito de inconsciente. Vocês têm aí acesso rápido à formulação que coloquei em primeiro plano, de um movimento do sujeito que só se abre para tornar a se fechar, numa certa pulsação temporal (LACAN, 1964/2008, p. 125).

O discurso do analista se presentifica a partir do momento em que o inconsciente se manifesta enquanto resultado de uma operatória discursiva. É assim que evidenciamos a presença do analista no dispositivo clínico. A ideia de que a presença do analista se constitui em uma unidade discursiva e que se presentifica através do ato de corte na cadeia significativa é uma designação lacaniana, que propõe que o analista é aquele que faz corte no discurso:

Para que não seja vã a nossa caçada, a nós, analistas, convém reduzir tudo à função de corte no discurso, sendo o mais forte aquele que serve de barra entre o significante e o significado. Ali se surpreende o sujeito que nos interessa [...].

Esse corte da cadeia significativa é único para verificar a estrutura do sujeito como descontinuidade no real. Se a linguística nos promove o significante, ao ver nele o determinante do significado, a análise revela a verdade dessa relação, ao fazer dos furos do sentido os determinantes de seu discurso (LACAN, 1960/1998, p. 815).

Se para Lacan “O discurso do inconsciente é uma emergência, é a emergência de uma certa função do significante” (LACAN, 1971/2009, p. 21) e o significante necessariamente é efeito de uma operatória do analista, enquanto efeito de corte no discurso do psicanalista, a sua presença enquanto manifestação do inconsciente se dá exatamente na maneira como opera uma análise a partir do significante. Esse ato é o que garante presença do analista nessa cena, quando corta e faz surgir um sujeito.

## Considerações finais

Conforme apontado neste trabalho, o psicanalista lacaniano se trata de uma junção de fatores que especifica um lugar acerca da práxis analítica. Ao propor

algumas definições em sua teoria, Lacan aponta um conjunto de aspectos que delimitam a nossa concepção dessa discursividade, sendo um produto inerente ao nosso campo.

Portanto, podemos acessar inúmeras características sobre o que entendemos como o lugar do analista em uma psicanálise lacaniana:

- Quem dirige uma análise;
- O que usa da estratégia, da tática e da política;
- Ocupa o lugar do morto;
- Quem interpreta;
- Resiste na transferência;
- Maneja a demanda;
- Um significante qualquer;
- Uma posição discursiva;
- Semblante de objeto *a*;
- Lugar opaco e vazio de respostas;
- Sua presença é a manifestação do inconsciente;
- O que faz corte;

Com essas definições postas em alguns momentos do ensino de Lacan, podemos compreender que o analista lacaniano é, acima de tudo, um lugar formal inerente à práxis psicanalítica, não sendo confundido com a pessoa, com o indivíduo que ali se apresenta e suporta esse discurso.

Portanto, para ser analista não basta uma autorização de si mesmo e se apresentar socialmente como um psicanalista, mas atuar como tal, tendo em vista que psicanalista é quem põe em ato a sua potência discursiva e atende àquilo que necessariamente diz respeito a um trabalho de análise. Nessa perspectiva superamos os problemas inerentes às definições do que seria um psicanalista lacaniano e construímos um dispositivo lógico e coerente com a prática.

Esse lugar para o psicanalista é uma proposta eminentemente lacaniana, que se apresenta como uma novidade no campo psicanalítico e propõe um rigor no nosso fazer, sem que caiamos nas ciladas que envolve um tratamento e confundamos o nosso papel diante daqueles que demandam uma análise. A nossa proposta é de responder como analista e nada que vá muito além disso.

### **Tramitação**

Recebido 27/08/2022

Aprovado 25/07/2023

## Referências

- LACAN, J. (1953). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: \_\_\_\_\_. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- \_\_\_\_\_. (1954). *O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- \_\_\_\_\_. (1958). A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In: \_\_\_\_\_. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- \_\_\_\_\_. (1958). *O seminário, livro 5: as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- \_\_\_\_\_. (1960). Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In: \_\_\_\_\_. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- \_\_\_\_\_. (1964). *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- \_\_\_\_\_. (1967). *Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da escola*. In: \_\_\_\_\_. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- \_\_\_\_\_. (1969/1970). *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.
- \_\_\_\_\_. (1971). *O seminário, livro 18: de um discurso que não fosse semblante*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.